



**Local Conference Call
Itaú Unibanco
Resultados do Primeiro Trimestre de 2014
30 de Abril de 2014**

Operadora: Bom dia senhoras e senhores. Sejam bem vindos à teleconferência do Itaú Unibanco Holding onde serão discutidos os resultados do primeiro trimestre de 2014.

No momento, todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e mais tarde será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para os senhores participarem. Caso necessitem de assistência durante a teleconferência, teclem “asterisco zero”. Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada e transmitida simultaneamente pelo site de relações com investidores www.itaubr.com.br/relacoes-com-investidores. Os slides desta apresentação estão disponíveis no site. O replay desta teleconferência estará disponível por meio do telefone +55 11 3193-1012 ou 2820-4012, código de acesso: 1913990#.

Antes de prosseguir, esclareço que eventuais declarações feitas durante esta teleconferência sobre as perspectivas dos negócios, projeções e metas operacionais e financeiras são meras previsões, baseadas nas expectativas da administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. Portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje em São Paulo estão os senhores Alfredo Egydio Setubal, Vice-Presidente Executivo e Diretor de Relações com Investidores; Caio Ibrahim David, Chief Financial Officer; Marcelo Kopel e Rogério Calderón, Controladoria Corporativa e Relações com Investidores.

Inicialmente o Sr. Alfredo Setubal apresentará os resultados do primeiro trimestre de 2014. Depois os executivos responderão às questões formuladas por telefone ou e-mail.

Agora, passo a palavra **ao Sr. Alfredo Setubal**.

Sr. Alfredo Setubal: Bom dia a todos, prazer para todos nós estarmos com vocês para esclarecermos os nossos resultados do primeiro trimestre. Para aqueles que estiverem seguindo pelas telas, pela internet, vamos para a tela número 2, que são os principais destaques do trimestre. Evidentemente, o primeiro deles é o próprio resultado. O resultado recorrente de R\$ 4,5 bilhões, 3,2% inferior ao trimestre anterior, mas 29% superior em relação ao primeiro trimestre de 2013.

O retorno sobre o patrimônio, 22,6%, também bastante superior do primeiro trimestre do ano passado também mostrando uma operação bastante sólida como vemos nos últimos trimestres já de 2013 e neste primeiro trimestre de 2014. A qualidade de crédito continua melhorando, 3,5% o NPL acima de 90 dias, também mostrando continua em evolução em relação ao último trimestre do ano passado e, principalmente, em relação ao primeiro trimestre de 2013. Então, são indicadores sólidos, mostrando uma operação bastante sólida do Banco no ponto de vista operacional neste trimestre.



A margem financeira com clientes apresentou uma queda em relação ao último trimestre de 2013, com 0,8% de queda atingindo R\$ 11,2 bilhões neste trimestre, mas apresentando um crescimento de 8,6% quando a gente compara com o primeiro trimestre do ano passado. A margem financeira com mercado de R\$ 614 milhões neste trimestre, uma queda de 17,0% em relação ao bom trimestre que nós tivemos nesta linha do último trimestre do ano passado.

As despesas com PDD continuam numa tendência positiva de queda. Queda de 13,9% em relação ao primeiro trimestre de 2013 atingindo R\$ 4,3 bilhões neste trimestre. Continua uma tendência de queda nessa linha. As receitas de serviços continuam crescendo, atingimos R\$ 6,1 bilhões neste trimestre com um crescimento tanto em relação ao trimestre anterior, de 0,3%, quanto do primeiro trimestre do ano passado, de 18,3%.

As despesas continuam bastante controladas, nós atingimos neste trimestre R\$ 9,0 bilhões, é uma queda em relação ao último trimestre do ano passado e uma alta em relação ao primeiro trimestre do ano passado, levando em conta que neste trimestre nós estamos já com toda a operação que foi adquirida no final do ano passado, em dezembro, da Credicard. Se não tivesse havido esta aquisição, só para efeito de comparação, o crescimento de despesas neste trimestre em relação ao primeiro trimestre do ano passado seria um crescimento de 6%, o que estaria bastante em linha ou até abaixo da inflação acumulada neste período de 12 meses.

O índice de eficiência melhorando, atingindo 47,7%, com melhorias tanto em relação ao último trimestre do ano passado como em relação aos 12 meses. A carteira de crédito caiu neste primeiro trimestre e subiu 11,4% nos últimos 12 meses. Aqui tem um efeito da variação cambial neste trimestre com a valorização do real, que reduz a nossa carteira ligada ao dólar tanto no Brasil quanto no exterior, mas estamos dentro do nosso *guidance* de crescimento da carteira de crédito para o ano.

Na página 3, então, aqui a gente vê o retorno sobre patrimônio líquido vem subindo ano a ano e este retorno é muito consistente e principalmente ligado ao crescimento da receita de serviços, na redução da inadimplência e um controle de custos bastante forte neste período que tem impossibilitado esta estratégia. Tem possibilitado esta melhoria dos nossos resultados e, por conseqüência, um aumento do retorno sobre patrimônio líquido médio.

A inadimplência acima de 90 dias vem caindo trimestre a trimestre desde o segundo trimestre de 2012 e neste trimestre é o menor nível que nós temos desde a fusão entre Itaú e Unibanco. Apesar da sazonalidade, que no primeiro trimestre normalmente alguns segmentos, principalmente, ligados a pessoas físicas apresentam uma alta em função do maior volume de despesas que as pessoas têm neste período com impostos, com escolas, enfim, e isto leva normalmente a um aumento da inadimplência. Mas, mesmo assim, conseguimos reduzir este indicador novamente neste período. O índice de eficiência continua melhorando, nosso mix de crédito, controle de despesas, enfim, tudo isso tem colaborado para esta melhoria nesse primeiro trimestre do ano. E o índice de eficiência ajustado ao risco, em função também dessas quedas das despesas de provisão para crédito e sinistralidade de seguros também mais controlados, também apresentou uma melhora substancial neste trimestre, 66,4% contra 69,5% no ano passado.

No slide 4, o resultado em si, aberto com mais detalhes. A gente vê aqui aquele forte crescimento das receitas de serviços também já incluindo, , neste resultado do primeiro trimestre a consolidação integral das operações da Credicard. Então, a gente vê aí um



produto bancário crescendo 9,8% no total, o principal crescimento desse produto bancário vem das receitas de serviços, com 18,3% em 12 meses.

Nós temos aí destaque também para a perda de crédito, que continua em queda, é uma queda de 13,9% quando a gente compara o primeiro trimestre do ano passado é uma queda substancial dentro daquilo que nós tínhamos como expectativa, continua válido. Neste trimestre nós tivemos uma recuperação de crédito um pouco menor, atingindo R\$ 1,088 bilhão e tivemos aí as despesas de sinistros praticamente estáveis de um trimestre contra o outro, mas com uma queda bastante importante. Quando nós analisamos 12 meses, a queda de sinistros foi de 14,1%.

As despesas continuam, como eu comentei, bastante controladas. Aqui há o crescimento de 9,2%, como eu comentei, inclui, então, já a consolidação da Credicard. Mas continuamos bastante focados como uma parte importante da nossa estratégia este controle mais restrito das despesas de maneira a compensar o aí o menor crescimento da carteira de crédito, principalmente, nessa economia um pouco mais desaquecida que nós estamos vivenciando neste momento. Com isto o resultado recorrente ficou em R\$ 4,5 bilhões, um forte crescimento em relação ao primeiro trimestre do ano passado fruto dessa estratégia de redução de riscos da carteira de crédito, tem possibilitado essa queda forte das despesas de PDD e, ao mesmo tempo, um controle bastante forte das despesas neste período.

O lucro líquido publicado, tirando os efeitos não recorrentes, foi de R\$ 4,419 bilhões. A margem financeira com mercado, na página 5, continua bastante volátil do ponto de vista de resultados. Este trimestre tivemos uma queda em relação ao trimestre anterior. Mas, de qualquer forma, é um bom trimestre se a gente olha do ponto de vista histórico, foi o segundo melhor trimestre dos últimos cinco. Mas, de qualquer forma, as operações de mercado e as volatilidades continuam bastante elevadas.

O ROE, na página 6, recorrente, como foi mostrado, continua bastante elevado, 22,6% neste trimestre, e se nós tirarmos as operações de mercado, de tesouraria e tudo mais, é 23,2%. Quer dizer, mostra que a operação do Banco e das operações de seguros continuam muito sólidas e muito estáveis o que é bastante importante do ponto de vista da perenidade e da sustentabilidade dos nossos resultados.

Na página 7 os empréstimos por tipo de cliente. A economia, como a gente tem visto pelo noticiário e pelas projeções, continua bastante desaquecida. Nós continuamos com uma expectativa de crescimento do PIB para esse ano em torno de 1,4% e esse ritmo menor de crescimento da economia tem se refletido na demanda de crédito por parte dos nossos clientes, tanto pessoas físicas como pessoas jurídicas e evidentemente o crescimento da carteira de crédito, considerando todo o risco de crédito que nós temos, ficou em 10,3% nestes últimos 12 meses. Na parte inferior da nossa banda de expectativa de crescimento da carteira esse ano. Continuamos mantendo as nossas expectativas de crescimento da carteira de crédito. Mas neste ambiente mais desaquecido, neste momento, não dá para esperarmos grandes crescimentos nessa carteira nesse momento.

Mas de qualquer forma a gente vê o crescimento importante do crédito consignado, continua sendo um fator bom de crescimento da nossa carteira, que compensa, em parte, a redução da carteira de veículos. O segmento de veículos, de automóveis, continua bastante fraco no Brasil. Vocês vêm aí os noticiários e as expectativas do próprio governo de eventualmente mudar algumas coisas neste segmento para facilitar o financiamento e reativar um pouco a indústria automobilística, mas de qualquer forma, a nossa carteira de veículos teve uma



queda grande neste trimestre, uma queda de 8% e continua caindo no acumulado de 12 meses em 23,6% e fechamos esta carteira com R\$ 37 bilhões. Vamos esperar para ver se haverá mudanças efetivamente neste segmento.

O crédito imobiliário continua com um ritmo bastante bom, 31,7% de crescimento em 12 meses, 4,2% neste período. Continuamos com a expectativa de que esta carteira continuará crescendo neste ritmo.

Na parte de pessoas jurídicas, grandes empresas, teve um crescimento grande nos últimos 12 meses também influenciado pela parte cambial e neste trimestre o crescimento foi mais modesto, 0,6%. Também não estamos vendo grande demanda por parte das empresas para este ano em função aí de toda a conjuntura e também pelas expectativas e pelas incertezas que sempre vêm acopladas às eleições gerais que nós teremos praticamente no Brasil esse ano. O segmento de pequenas e médias empresas, continuamos fazendo ajustes nas carteiras, principalmente, ligadas à micro e pequenas empresas. Isso faz com que o total do nossos portfólios de crédito continue em queda tanto no trimestre, que caiu 1,9% em relação a dezembro, quanto nos últimos 12 meses, de 3,6%.

Enfim, temos aí uma carteira de títulos privados, que são carregados e que fazem parte dos nossos riscos de crédito, de R\$ 28 bilhões, e com isso, com o total de avais e fianças e todos estes títulos privados e tudo, desconsiderando a variação cambial, nós tivemos um total, temos um total de risco de crédito no final de março de R\$ 508 bilhões, o que dá um crescimento de 10,3% no acumulado de 12 meses.

No slide número 8 a gente vê que a mudança que vem sendo feita nos nossos portfólios de crédito ao longo do ano, dos últimos 12 meses. Aqui tem uma análise mais visual para quem estiver acompanhando, a composição da nossa carteira. E aqui como que está a margem financeira com os clientes, que atingiu R\$ 11,874 bilhões, como é que ela se comportou em relação ao quarto trimestre do ano passado. Nós tivemos uma contribuição de R\$ 251 milhões adicionais em função da operação da Credicard, tivemos R\$ 247 milhões em relação às receitas de crédito, que foram do crescimento deste período, ao mesmo tempo, esse primeiro trimestre tem menos dias úteis o que gera menos margem financeira, menos receita com os clientes e isso estimamos em torno de R\$ 260 milhões.

O mix de produtos clientes/*spreads* continua ainda, o ajuste da carteira de crédito, ainda influenciando negativamente em R\$ 255 milhões, mas lembrando que este número já foi muito maior quando iniciamos esse processo de ajuste da nossa carteira e do nosso apetite de risco. E as operações de Selic e outras coisas influenciaram negativamente em R\$ 74 milhões, o que leva a esse número de R\$ 11,874 neste período.

Na página 9, a margem financeira, em forma de gráficos, a gente vê que ficou praticamente estável, o *spread* de crédito bruto em 10,9%, já o terceiro trimestre seguido em função também dessa conjuntura maior, de um maior risco da economia, os *spreads* não têm mais apresentado uma queda significativa como aconteceu em outros momentos nos últimos anos. Temos aqui uma sazonalidade, com menor recuperação de crédito, o que acaba influenciando aqui o *spread* líquido da nossa operação.

Na página 10, a gente entra nas operações de créditos, nos indicadores de crédito. A gente vê que continuamos reduzindo o nosso índice de inadimplência acima de 90 dias já que atingiu 5,2% do total da carteira em junho de 2012 e agora vem reduzindo trimestre a trimestre em função da nova estratégia de redução de riscos e do apetite de risco dos



segmentos mais arriscados e atingimos 3,5%, que é claramente o melhor índice que foi atingido de toda esta série desde junho de 2009 e, como eu comentei, é o melhor índice que tivemos desde a fusão entre o Itaú e Unibanco. A gente vê que, tanto pessoa física quanto pessoa jurídica, vem apresentando melhoras contínuas e acreditamos que esta tendência deve continuar aí ao longo dos próximos trimestres. O nosso índice de cobertura cresceu um pouquinho, pulou de 174% para 176%, que para nós é bastante confortável tendo em vista também esta conjuntura e o perfil novo da nossa carteira de crédito, que vem reduzindo as inadimplências.

Na página 11, os indicadores de crédito das provisões, das despesas de provisão para liquidação duvidosa, a gente continua numa tendência, como eu comentei, mais positiva e reduzindo este nível de despesas, o que é bastante bom mesmo levando em conta aqui a Credicard. Estes indicadores, se a gente desconsiderasse, a Credicard, os indicadores estariam ainda melhores, o que mostra que estamos efetivamente no caminho correto dessa tendência de crédito. O saldo de provisão de crédito duvidoso, R\$ 25 bilhões, aí uma redução neste período de R\$ 26,4 bi para R\$ 25 bi, uma redução grande, principalmente na carteira de *rating* H, que é o pior *rating* da classificação do Banco Central.

O que continua bastante positivo é a tendência dos atrasos. Os atrasos de 15 a 90 dias, que sazonalmente crescem neste período do primeiro trimestre, como eu comentei no início da minha apresentação, cresceram de fato para pessoa física. Pulou de 4,7% para 4,9%, mas é um crescimento menor se nós olharmos os primeiros trimestres de outros anos, o que mostra que é sazonal e ao mesmo tempo esta sazonalidade foi menor, em ritmo menor, do que aquele apresentado em outros trimestres equivalentes, o que mostra que a tendência é voltarmos para índices de atrasos em ritmo de queda, como vinha vindo, ao longo dos próximos trimestres. O NPL *creations* e os *write offs* também apresentaram uma elevação, mas tudo dentro daquilo que a gente considera normal e dentro da sazonalidade esperada para este trimestre.

Na página 13, na receita de serviços e resultados de seguros, a receita de serviços vem num ritmo bastante acelerado em função da ênfase que temos dado para esta linha do nosso produto bancário. Lembrando da aquisição de toda a operação da Redecard e agora da Credicard, isto tem ajudado bastante o crescimento das receitas e compensando a receita de serviços com menor ritmo de crescimento das receitas de crédito. O resultado de seguros vem praticamente estável em relação ao ano anterior, mas num ritmo bom. Vamos falar disso um pouco mais adiante.

Na página 14, a gente abre, como temos feito, as operações dos nossos resultados entre as operações bancárias e as operações de seguros. A gente vê que a gente vem numa operação bancária bastante sólida, como eu comentei, do resultado de R\$ 4,5 bilhões. R\$ 3,775 bilhões vieram das operações do Banco e R\$ 608 milhões da operação de seguros, e esta operação de seguro, como vocês podem ver, tem um índice de eficiência aí de 35%, que é muito bom e um retorno sobre patrimônio líquido alocado de 58,9%, que é bastante alta.

Nas operações de seguros, então, detalhando um pouquinho mais, as nossas receitas líquidas de seguros de R\$ 1,127 bilhão neste trimestre. Nós abrimos aqui como isto foi composto, então, 58% da operação de seguros em si, 31% com a nossa operação de previdência e 11% com as operações de capitalização, os títulos de capitalização.



A nossa operação de seguros é bastante estável. Como vocês sabem, nós não estamos operando no seguro-saúde, que é um seguro que gera muita receita, mas ao mesmo tempo gera muita sinistralidade. Então, nós não estamos neste segmento e estamos mais daquilo que é chamado de *bank assurance*, em seguros vendidos na rede, com baixa sinistralidade e tudo mais, e isto tem se refletido no crescimento do negócio, que a gente acredita que continuará crescendo com o foco maior que vem sendo dado para esta operação e ao mesmo tempo vai crescer de maneira saudável, com baixa sinistralidade.

Na página 16, as despesas não decorrentes de juros, a gente vê que as despesas têm um crescimento de 9,2% que, para efeito de comparação, incluem todas as despesas que vieram junto com a operação da Credicard, que foi adquirida no final do ano. Se nós tirarmos estas despesas, como eu comentei, o crescimento estaria acumulado em 12 meses em 6%, que é um pouco abaixo do ritmo de inflação que a gente vem vindo. Então, eu acho que do ponto de vista de comparar as despesas, a gente vem bem e continuamos bastante focados em manter as despesas bastante controladas.

Na página 17, as mutações do nosso patrimônio líquido, que saiu de R\$ 81 bilhões no final do ano para R\$ 82,2 bilhões. Aqui o crescimento deste patrimônio foi em função do lucro acumulado no período de R\$ 4,4 bilhões. Pagamos R\$ 3,5 bilhões de dividendos mensais e os dividendos de JCP relativos ao ano passado, ajuste de mercado dos títulos neste trimestre impactou positivamente em R\$ 300 milhões, capital R\$ 200 milhões de redução no patrimônio líquido, ou operações de *stock options*, exercício por parte dos administradores, positivamente em R\$ 100 milhões, o que faz com que o patrimônio fechasse nestes R\$ 82,2 bilhões. Este patrimônio se reflete aqui na página 18, nos nossos índices de Basileia, total de 15,6%, uma queda aí em função de novas legislações e regulamentações do Banco Central e o nível I de capital 11,1%. Quer dizer, está bastante confortável. O nosso Basileia III, estimado do Tier I, seria de 9,6% se tivesse plenamente em vigor neste momento.

O nosso valor de mercado, na página 19, atingiu R\$ 167,8 bilhões, a nossa ação continua com uma boa liquidez, R\$ 718 milhões diariamente considerando tanto as operações na BM&FBovespa como na Bolsa de Nova York com os nossos ADRs, é mais ou menos meio a meio a liquidez entre Nova York e Bovespa.

Aqui os dados em IFRS, são feitos e a gente vê que o retorno do patrimônio líquido no IFRS neste trimestre ficaria bastante próximo do atual, no que a gente chama do Brazilian GAAP. O resultado recorrente em IFRS seria um pouquinho superior, R\$ 4,661 bilhões. A diferença basicamente vem dos critérios de provisionamento para créditos de liquidação duvidosa neste período.

As expectativas para o ano de 2014, não estamos alterando nada delas. Vamos só lembrar, a gente espera um crescimento da carteira entre 10% e 13%, estamos mantendo essa expectativa em função da própria expectativa que temos de crescimento do PIB, que está bastante baixo e o ritmo não está com nenhum sinal de que vai ser revertido substancialmente, de 1,4% é a nossa expectativa para o PIB neste momento.

As despesas para PDD líquidas da recuperação de crédito entre R\$ 13 e R\$ 15 bilhões, as receitas de serviços e resultado de seguros um crescimento de 12% a 14%, despesas não decorrentes de juros 10,5% a 12,5%, se excluirmos aqui para efeito de comparação a operação da Credicard ficaremos entre 5,5% e 7,5% no ano, e o índice de eficiência uma melhoria de 0,5 a 1,75 esse ano. Mas estamos, como eu comentei, mantendo aquilo que falamos no último *conference call*.



Para finalizar, na página 22, temos aqui a nova estrutura que deverá ficar conforme a gente anunciou ontem da nova operação do Itaú BMG Consignado, que nós anunciamos que renegociamos os contratos de societários com o banco BMG e ele passará a ter 40% do capital do Itaú BMG Consignado. Com isto toda operação de crédito consignado tradicional ficará dentro da *joint venture* que nós temos entre o Itaú Unibanco e o Banco BMG.

A nova estrutura levará 60% do capital para o Itaú Unibanco contra 70% atualmente e o Banco BMG passará a deter 40% desta JV. Com isso, todos os negócios de crédito consignado serão direcionados para a JV, continuaremos com toda a política de créditos definida pelo Itaú Unibanco, não deve haver nenhum efeito contábil relevante nos nossos resultados em função desta nova estrutura, o que vai acontecer é que evidentemente a nossa carteira de crédito oriunda da operação Itaú BMG Consignado no final deste ano deverá estar superior a R\$ 20 bilhões o saldo desta carteira que, com certeza, continuará sendo um importante crescimento da nossa operação de crédito consignado, além da operação que a gente faz diretamente através das nossas agências e dos nossos clientes, mas aí mais focado nos segmentos de consignados do setor privado, né, funcionário das empresas, enfim.

No último slide aqui, na página 23, só comentando para aqueles que quiserem ou não tiveram ainda a oportunidade de ver, nós unificamos três relatórios num só, no relatório anual consolidado, o antigo relatório anual, tradicional, o formulário 20F e o relatório da dívida também agora todos estão, pela primeira vez, num relatório só, o que facilita do ponto de vista dos acionistas e dos investidores e analistas de investimento, de crédito uma visão maior e mais consolidada e mais fácil dos nossos números. E outra coisa importante que a gente fez e uma coisa inédita dentro das empresas do setor financeiro brasileiro que foi a elaboração do relato integrado de todas as nossas operações, uma apresentação de todos os nossos números, as informações mais relevantes e tudo mais de uma maneira muito mais simplificada, de maneira que fizemos isso de forma voluntária e inédita aqui no setor financeiro brasileiro, de maneira a apresentarmos os nossos números e as nossas estratégias de uma maneira mais simples e mais fácil para entendimento do grande resumo para os analistas e para os investidores. Então, quem ainda não teve oportunidade, isto pode ser visto no nosso site.

Com isso eu encerro a apresentação e estamos todos aqui abertos às perguntas que vocês possam ter.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Senhoras e senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta, por favor, digitem asterisco um (*1). Para retirar a pergunta da lista, digitem asterisco dois (*2).

Nossa primeira pergunta vem do Sr. Eduardo Rosman, BTG Pactual.

Sr. Eduardo: Oi, pessoal. Bom dia a todos. Eu tenho duas perguntas. A primeira é sobre provisão. Se a gente excluir o efeito da consolidação da Credicard nos números do trimestre, eu acho que despesa de provisão bruta teria caído, em termos absolutos comparado com o quarto trimestre de 2013. Então, eu queria saber se vocês acham que dá



para continuar tendo esta performance nos próximos trimestres ou se, enfim, com o crescimento da carteira, enfim, se a gente pode dizer que o primeiro trimestre foi o *bottom*?

E a minha segunda pergunta é sobre os eventos não recorrentes do trimestre. Eu vi que vocês *bookaram* o resultado não recorrente negativo de R\$ 60 milhões referentes a Porto Seguro. Eu queria que vocês explicassem um pouco melhor isto, eu não entendi direito esta questão de provisão para perdas sobre o prejuízo fiscal? Obrigado.

Sr. Marcelo Kopel: Bom dia Rosman, é Kopel falando. Com relação à provisão, sua análise está correta em termos de expurgar a Credicard e a gente vem melhorando, sim, a nossa provisão decorrente do mix da carteira. Existe espaço, sim, para a gente estar melhorando, mas o ritmo de melhora não dá para se comparar com o que a gente já capturou no nosso resultado nos últimos 4 a 6 trimestres. Então, sim, existe espaço para alguma melhora por conta do mix continuar impactando favoravelmente.

Com relação ao não recorrente da Porto Seguro, aqui cabe uma observação inicial, que é com relação à forma com que a gente reconhece, a gente sempre está um mês defasado com a Porto Seguro no reconhecimento dos resultados e por conta do nosso fechamento de trimestre no quarto trimestre a gente refletiu tudo que estava até então, só que no mês de dezembro eles tiveram este reconhecimento de itens não recorrentes que, inclusive, entraram como não recorrentes nas demonstrações financeiras deles e nós tomamos o mesmo cuidado de refletir aqui. Isto está em nota nas nossas DFs, mas aqui o que a gente está falando é um ajuste de efeito de decisão favorável sobre a discussão da legalidade da incidência de Cofins para a sua natureza de operação, no caso da Porto Seguro, e isto veio do Supremo Tribunal Federal e é uma provisão para perda sobre um prejuízo fiscal, ou seja, é um *allowance* que eles fizeram por conta de eventual não realização de um prejuízo fiscal. Isto tudo está especificada nas notas e se a gente precisar se aprofundar a gente pode fazer isto depois.

Sr. Eduardo: Perfeito. Obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem de Frederic De Mariz, UBS.

Sr. Frederic: Bom dia a todos, obrigado pela oportunidade e parabéns pelo resultado. Duas perguntas mais de detalhe. A primeira tem a ver com o mercado de auto. Você comentou durante sua apresentação que era um mercado que estava passando por um momento difícil aqui no Brasil e a gente viu uma redução tanto do lado PJ quanto do lado PF da sua exposição ao mercado de auto. Eu queria ver um pouquinho a sua visão daqui para frente, quando você acha que este mercado possa estabilizar e, mais importante, além para o Banco mesmo, para o Itaú, quando que a gente pode esperar que a carteira pare de diminuir neste segmento? Depois eu tenho uma segunda pergunta.

Sr. Marcelo: Obrigado pela pergunta Frederic. Com relação à carteira de veículos, ela é reflexo da indústria. A indústria como um todo, ela está passando por isto, o nosso apetite por risco não se alterou, nós não mudamos o perfil de risco que nós estamos aprovando, ou seja, continuamos fazendo da mesma forma que estávamos fazendo antes. Esta é uma condição adversa que está para todos no mercado. O governo está preocupado, está buscando formas de acelerar isto, mas o que a gente vê é menos demanda como um todo.



A nossa visão é: Esta carteira ela não se estabiliza ainda este ano, a nossa expectativa é que isto pode vir a acontecer no ano que vem, mas nós não esperamos que essa carteira se estabilize este ano ainda.

Sr. Frederic: Perfeito. Obrigado. Então, passando para a segunda pergunta, do lado do cartão, do lado da prestação de serviços, que aumentou 18%, você poderia comentar um pouquinho sobre a Rede passando um pouquinho a sua visão da competição para o primeiro trimestre e para os próximos trimestres também? E a gente vê que o débito está crescendo mais que o crédito. Eu queria ter uma ideia do crescimento das receitas nessa subsidiária. Obrigado.

Sr. Marcelo: Bom, com relação a cartão, de fato, no caso deste crescimento para efeito de comparação evidentemente que a Credicard traz impacto na linha de receitas também. Mas falando especificamente de aquisição, que é a sua pergunta, o que a gente vê é, existe sim, a competição, ela faz parte do processo de evolução do mercado após a abertura no meio de 2010. Os principais *players* estão buscando crescer, é um mercado aí que a própria ABEC fala que vai crescer aí em *double-digit* entre 15% e 17%, ou seja, é um mercado que tem espaço para todos ocuparem. O nosso objetivo é continuar crescendo. A gente quer crescer no segmento que tem melhor margem, existe competição por grandes contas porque elas podem eventualmente gerar maior escala. Mas no nosso caso, a nossa visão é de trabalhar mais integrado com o Banco, até porque faz todo sentido, nós temos uma plataforma com o Banco e temos a condição de fazer oferta de produtos completa com o Banco. Então, é assim que a gente vê isto para frente. E a competição vai continuar. O intuito da abertura de mercado é ter competição, portanto, ela está aí e é bem-vinda.

Sr. Frederic: Perfeito, só um *follow-up* rápido aqui neste ponto. Se a ABEC estima entre 15% e 17% de crescimento do volume você considera justo e estimar um crescimento da receita um pouquinho abaixo disso?

Sr. Marcelo: Olha, é de se esperar que possa acontecer isso por conta, por razões até históricas. Os clientes no mercado, independente de ter competição ou não, eles sempre tiveram, principalmente os maiores, o que a gente chama de *tier pricing*, tá, ou seja, ele não precisa renegociar o contrato dele. Ele já tem faixas de preços adequadas a volume. Então, basta crescer o negócio dele, em ele crescendo, o negócio dele ele automaticamente já teria preços melhores. Então, independente se ele trocou de adquirente ou não. Portanto, não é de se estranhar que possa ter uma pequena redução nos MDRs percentuais, tá.

Sr. Frederic: Perfeito, muito obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem de Daniel Magalhães, Credit Suisse.

Sr. Daniel: Bom dia senhores, é Marcelo Telles, Credit Suisse. Eu tenho uma pergunta em relação à margem financeira. Quer dizer, a gente viu uma evolução um pouco mais fraca neste trimestre. Mesmo se a gente ajustar pelo efeito dos dias corridos, a evolução da margem realmente não foi das melhores. Eu queria entender um pouco, olhando na análise gerencial que vocês proporcionam, a gente vê que aquela taxa anualizada das operações sensíveis à variação da taxa de juros ela foi na direção oposta do aumento da Selic, acho que foi de 8,2% no quarto trimestre para 8% e no primeiro trimestre quando a Selic média aumentou por volta de 60 *basis points*. Eu sei que vocês não estão dando mais, pelo menos aqui eu não vi o *disclosure* entre as operações no Brasil e no exterior, mas se pudesse explorar um pouquinho o que aconteceu com esta margem eu agradeço.



E também um pouco com a margem do mercado, né, a gente viu uma redução do quarto pro terceiro trimestre, na margem com mercado, de 740 para perto de 615, e vocês falam no MD&A a questão de perdas proprietárias. Se vocês puderem detalhar um pouco em que mercado contribuiu para esta performance negativa e o que vocês estão esperando para frente. Obrigado.

Sr. Marcelo: Telles, obrigado pela pergunta. Vamos falar da margem financeira primeiro. Com relação a ela tem dois componentes que a gente precisa falar, existe um efeito do componente do nosso caixa, nosso caixa local, ele teve uma diminuição importante por dois motivos: primeiro por conta do pagamento da Credicard, que foram R\$ 3 bilhões e depois mais R\$ 2 bilhões de pagamento de dividendos. Então, a gente teve uma oscilação no caixa local de algo como R\$ 5 bilhões. Além disto, a gente teve um aumento do nosso caixa que fica fora do Brasil por conta de aumento de depósitos e algumas outras coisas. Então, o efeito combinado destas duas coisas e a aplicação desses recursos tanto localmente como fora geraram esta mudança no resultado desta margem financeira.

Com relação à *trading*, o fato de ter volatilidade no resultado é, o que a gente está querendo dizer é, que o resultado foi volátil como tem sido o resultado de tesouraria, está certo, mas nada que seja fora do normal de se esperar numa tesouraria. Nós não estamos falando de perda, nós estamos falando de uma redução de um resultado que foi forte no quarto trimestre. Então, vale destacar isto. E a gente sempre fala para vocês que é difícil dar previsão para um ano de resultado de tesouraria, mas mais difícil ainda é de dar o trimestral. Então, a gente sempre costuma balizar vocês num horizonte mais longo de tempo. Então, eu acho que este é o comentário para você.

Sr. Marcelo: Obrigado Kopel. Só um *follow-up* na sua primeira resposta. Em relação ao caixa no exterior, isso tem alguma coisa a ver com a aquisição do CorpBanca? Eu sei que foi, é basicamente uma fusão, mas o aumento de capital que vocês fizeram, tiveram que alocar capital mais fora, alguma coisa neste sentido ou alguma coisa de arbitragem também? Se puder explorar isto mais em detalhe.

Sr. Marcelo: Ainda não tem a ver com CorpBanca, até porque a operação está em andamento. Na hora certa a gente vai fazer, tem o anúncio lá da capitalização de US\$ 650 milhões, mas tem muito mais a ver com o rebalanceamento de caixa do que propriamente dito com o CorpBanca.

Sr. Marcelo Telles: Perfeito. Está bom, muito obrigado.

Sr. Marcelo: Obrigado você.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem de Gustavo Schrodén, Bank of America.

Sr. Gustavo: Bom dia a todos. Obrigado pela oportunidade. Eu vou fazer duas perguntas. A primeira ela é um pouco, eu vou fugir um pouco dos detalhes do resultado e eu queria expandir um pouco mais a discussão num cenário macro, né. Acho que existe aí um consenso de que 2015 independentemente de quem ganhe a eleição ou não, e a intenção é nem discutir isso, mas existe um consenso que 2015 pode ser um ano talvez mais difícil para a economia brasileira do que 2014. Primeiro eu queria saber: qual que é a visão do Banco em relação a 2015 e ao cenário macroeconômico e como que o Banco tem se preparado para 2015? E depois eu faço minha segunda pergunta.



Sr. Alfredo: Oi Gustavo, é Alfredo. Não, acho que de fato o ano que vem é um ano que provavelmente será um ano ainda no mesmo ritmo deste ano, do ano passado, quer dizer, do ponto de vista econômico, a gente não vê uma mudança substancial de crescimento da economia. Nosso departamento de economia, lá liderado pelo Ilan, neste momento estão com 2% de crescimento para o PIB. Evidentemente, isto pode ser mais ou menos em função das expectativas que possam ocorrer em função dos resultados das eleições, da conjuntura internacional, enfim, uma série de fatores que a gente sabe que influenciam isto diretamente. Então, do nosso ponto de vista, é importante, na nossa estratégia, nós não estamos considerando que a economia vai ter um desempenho tão diferente e isto evidentemente vai se refletir no volume de crédito, na demanda das empresas, das pessoas físicas. Enfim, por isso é importante que a gente continue dentro da nossa estratégia ajustando esta carteira de crédito. Continuamos com um controle muito forte das despesas, continuemos crescendo e aproveitando oportunidades de crescer na área de serviços, na área de seguros, que são menos voláteis e que podem contribuir para reduzir inclusive em esta dependência da receita de créditos, né, na nossa estratégia e ao mesmo tempo estamos abertos e atentos às oportunidades, como tivemos essa no Chile de crescer fora do Brasil. Quer dizer, este crescimento fora do Brasil, que ainda é pequeno, as nossas operações no exterior ainda não são tão relevantes, mas, enfim, esta operação da CorpBanca vai dentro desta estratégia de ficarmos também menos dependentes do Brasil, ao longo do tempo diversificando as fontes de receitas, de negócios de maneira que a gente possa ter resultados mais estáveis e mais previsíveis.

E outra oportunidade que a gente viu e que anunciamos ontem foi esta com o Banco BMG de concentrar toda a operação de consignado, que é uma operação muito boa e que traz resultados bastante positivos para nós em termos de receita e baixa inadimplência, que é crescer no consignado.

Então, a gente vai procurando ajustar a nossa estratégia para compensar um pouco este momento que a economia brasileira está vivendo de um crescimento menos robusto, mas a gente vê positivamente, a médio prazo, quer dizer, o ano que vem voltando para o início da sua colocação, é um ano que será claramente de ajustes na economia, seja quem for o vencedor das eleições, mas a gente vê positivamente os anos seguintes como anos de uma volta de um crescimento mais razoável, vamos colocar assim, para a economia brasileira. Então, estamos numa fase de transição, mas ajustando a nossa estratégia para isso.

Sr. Gustavo: Está ok, está ótimo, obrigado. A minha segunda pergunta é referente ao nível de *write off* e *NPL creation*. A gente sabe que no primeiro trimestre normalmente tem num aumento de *write off* olhando aí a série histórica, mas neste trimestre eu achei que o número de *write off* subiu um pouco, chamou um pouco a atenção o aumento que teve, foi para R\$ 5,6 bilhões e aí o *NPL creation* também acabou subindo de 4,1 para 4,7. Eu queria só que vocês explicassem qual segmento ou quê que tem por trás deste aumento um pouco mais significativo do que os anos passados e se a gente pode esperar uma normalização deste *write off* e do *NPL creation* daqui para frente? Obrigado.

Sr. Marcelo: Eu vou começar pelo fim da resposta, que é, não é uma tendência. Isso tende a voltar ao nível anterior, ou seja, ele tende a apontar para baixo. Mas agora explicando o porquê disso, nós tivemos pontualmente um aumento na parte de veículos de algumas carteiras mais antigas que geraram mais *write off* neste trimestre, então, isto acabou fazendo com que o *write off* fosse maior, fosse mais afetado por isto.



No caso do NPL *creation* você já meio que respondeu na sua pergunta que existe um impacto na largada por conta de Credicard, nós estamos falando do impacto da Credicard logo na entrada, e também a sazonalidade. A sazonalidade pesa, mas nós não esperamos que este aumento ele vá continuar. A nossa visão é de que ele tende a voltar para patamares mais baixos do que você viu. Então, só reforçando o ponto de que isto tende a descer.

Sr. Gustavo: Está ótimo, muito obrigado.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem do Sr. Carlos Firetti, Bradesco Corretora.

Sr. Carlos: Bom dia a todos. Eu tenho duas perguntas também. A primeira é em relação à evolução da margem financeira. Num dos gráficos da página 8 da apresentação vocês mostram aquela evolução com os componentes desta evolução e tem ali o item mix de produtos, clientes e *spreads*. Eu imagino que em termos de mix de produto a gente pode até ter longo prazo aí um efeito negativo na evolução da margem via crescimento maior em créditos de menor *spread*, mas vocês veem esse ano ou pelo menos aí no médio prazo esse item de mix e *spreads* se tornando positivo por conta da evolução dos *spreads* que a gente tem visto recentemente com recomposições de taxas? Esta é a primeira pergunta.

E a segunda pergunta é simples, em relação ao cálculo de Basiléia III, no critério *fully loaded* que vocês mostram. Vocês colocam uma observação que vocês não consideram reversão de PDD no cálculo, mas consideram outros mitigadores. Eu queria entender o quê que vocês incluem lá como outros mitigadores olhando aí o período de implementação até 2019? Obrigado.

Sr. Marcelo: Bom, Firetti, vamos começar pela segunda e depois a gente volta para a primeira pergunta. O que a gente está falando de mitigadores, a gente está falando de reduções de capital na seguradora e outras empresas no financeiro, ou seja, a gente tem esta visão de que têm estes mitigadores e o que a gente tem visto é a que a nossa própria capacidade de crescer organicamente e gerar resultado nos coloca numa posição importante, numa dinâmica boa de construir organicamente capital. Se a gente falar de um retorno de longo prazo aí de 20% e uma distribuição média de 30% deste resultado, aonde a gente vai continuar na estratégia de crescer com ativos menos pesados em termos de *risk-waiting*, isso faz com que o nosso capital, você comece a gerar um superávit de capital ao longo do tempo. Então, eu acho que esse é o nosso raciocínio para isto.

Com relação à, você está falando de NIM na sua primeira pergunta, o impacto que a gente vê de *spread* na geração de novas carteiras, sim, existe um impacto positivo, vamos chamar de “vento a favor”, com relação às novas originações e que ele vem equilibrando a mudança de mix. Essa mudança de mix a gente vê grandes crescimentos em carteiras de baixo risco, como o crédito consignado e imobiliário, mas que ainda vão consumindo essa reprecificação das novas originações. Então, pode ser que a gente tenha um nivelamento desta margem ou algum ajuste ligeiramente positivo, mas não é alguma coisa drástica ou sensível como a gente já viu quando a gente pega e olha muito mais para trás, tipo olhando o primeiro trimestre de 2013, onde ela era bem mais alta.

Sr. Carlos: Tá, mas se a gente pensar olhando talvez no ano a ano ou até entrando mais 2015 – está muito longe, eu sei, mas –, e considerando estas tendências de recomposição de algumas taxas, você acha que dá para se pensar em uma contribuição positiva ou não negativa pelo menos, neste item que vocês colocam da evolução da NIM?



Sr. Marcelo: É, eu acho que não negativa, sim, até porque vai chegar uma hora que você neutraliza o efeito do mix com a reprecificação, né, então, é razoável de traduzir isso numa estabilidade, se é isto que você está perguntando, ou até um ligeiro *upside*.

Sr. Carlos: É isto. Ok, obrigado.

Sr. Marcelo: Obrigado você.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem de Eduardo Nishio, Brasil Plural.

Sr. Eduardo: Obrigado pela oportunidade. Minha primeira pergunta é em relação a carteira de auto, é um *follow-up* da questão anterior. A imprensa vem ventilando que o governo estaria tomando medidas para destravar o crédito no setor, né, e algumas dessas medidas seriam a criação de um fundo, tipo garantidor, fundo garantidor, com recursos vindas das próprias instituições financeiras. Eu queria que vocês dessem um pouquinho mais de cor no que está sendo estruturado como o governo em relação a isto.

E ainda nesta linha de governo, se vocês pudessem dar um pouquinho mais de cor, em relação aos empréstimos para a Câmara de Comercialização de Energia, a CCE, e como estes empréstimos vão ser estruturados, tipo garantias, taxas, etc. Obrigado.

Sr. Marcelo: Nishio, com relação a veículos eu acho que todos estão mobilizados, existe uma mobilização grande até porque é uma indústria que mexe muito com a economia, então, ter algo que faça com que o mercado antes mais rápido do que o que ele está andando é do interesse de todos. Não dá ainda para comentar sobre o quê que está sendo desenhado até porque está no começo e tem muitas coisas ainda que estão sendo discutidas ou algumas coisas importantes estão sendo discutidas. Então, ainda não temos condições de comentar sobre isto.

Sr. Eduardo: É nesta linha de fundo garantidor ou não?

Sr. Marcelo: O fundo garantidor, sim, apareceu este negócio, mas existe hoje, por exemplo, na indústria uma ineficiência grande que é na parte de retomada do bem. Quando você está falando de retomar um bem na indústria ele é extremamente oneroso e demorado. Então, isso se transforma em custo para o sistema. Se a gente consegue otimizar isto de alguma forma isto pode ser benéfico para todos. Então, o fundo garantidor, sim, é uma coisa que está sendo ventilada, mas tem outras coisas tão ou mais importantes que também estão sendo discutidas. Não sabemos ainda que rumo que isto vai tomar, mas estão todos imbuídos do mesmo espírito, que é fazer com que a indústria ande mais rápido.

Com relação ao empréstimo de elétricas, é um empréstimo com garantias, os bancos estão aí num *pool* para fazer o empréstimo e a gente vê isto como uma operação de financiamento. Estamos tratando isto como um negócio que tem uma taxa de retorno atraente face à garantia que nos foi apresentada.

Sr. Eduardo: Perfeito, mas as garantias serão estes aumentos na taxa elétrica para o ano que vem, certo, em teoria?

Sr. Marcelo: Em teoria, sim, tem isso, mas também está atrelado a recebimentos.



Sr. Eduardo: E o governo estaria garantindo estas linhas ou não?

Sr. Marcelo: Se ele tem garantia formal? São os recebíveis que a gente tem. A gente tem os recebíveis, têm acesso aos recebíveis.

Sr. Eduardo: Ótimo. Se você me permite mais uma perguntinha, o Alfredo mencionou que estamos passando por uma fase de transição, ajustes macroeconômicos devem acontecer independente das eleições no ano de 2015, acho que é a visão de muita gente que seja essa a transição. Neste cenário um pouco mais difícil em 2015, como vocês vêem, qual a estratégia do Itaú para passar este momento um pouco mais difícil até a chegada de 2016/17, em que o cenário macro estaria um pouquinho melhor? Obrigado.

Sr. Marcelo: Nishio, o Banco pela estratégia que a gente adotou de três pilares que é foco em eficiência e controle de custos, mudança do perfil de risco e crescimento de receita de serviços, a gente entende que a gente está preparado para trabalhar numa economia mais lenta, como Alfredo mencionou, assim como num momento aonde a economia venha a acelerar. Então, a gente entende que o Banco está preparado, o apetite de risco está calibrado para isto e se porventura tiver melhora a gente está preparado para capturar isto também. Esta é a nossa visão.

Sr. Eduardo: Ok, obrigado.

Operadora: Com licença, lembrando que para fazer perguntas basta digitar asterisco um.

Novamente, caso haja alguma pergunta, favor digitar asterisco um.

Com licença, encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Alfredo Setubal para as considerações finais.

Sr. Alfredo: Queria agradecer a presença de vocês todos aí conosco hoje, acho que tivemos um bom trimestre, sem dúvida nenhuma. Neste momento acho que temos boas perspectivas para o Banco ao longo dos próximos trimestres e contar aí com o apoio de vocês. Como foi comentado anteriormente, e a gente anunciou, hoje é o último dia do Rogério Calderón aqui conosco, agradeço ao Rogério todos estes anos na área de relações com investidores, todo o trabalho, todas as horas difíceis que ele vivenciou aí com a equipe em alguns momentos mais difíceis dos nossos resultados e dar as boas vindas ao Kopel, que substitui o Rogério e com certeza vai nos ajudar bastante aí nos próximos trimestres. Então, obrigado e até a próxima.

Operadora: A teleconferência do Itaú Unibanco Holding está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia. Obrigada.